

## **Violência Simbólica do Feminino na Mídia: uma análise do programa *The Love School*<sup>1</sup>**

Betina Bordin PINTO<sup>2</sup>

### **Resumo Expandido:**

O objetivo deste trabalho é realizar uma reflexão que articula gênero e religião no campo da comunicação, tendo como *corpus* de estudo o programa, *The Love School* veiculado pela TV aberta da Rede Record e na IURD TV, no Youtube, apresentado pelo casal Renato e Cristiane Cardoso. Trata-se de uma análise do programa com o objetivo de verificar a representação da mulher transmitida por este grupo midiático, tomando por base estudos em mídia e religião dos campos da comunicação. Embora pertença à Igreja Universal, o programa não evidencia a ligação com a Igreja em seu discurso, ao passo que nas demais extensões da marca, como livros, revista, palestras, cursos e cruzeiros, tal relação é evidente. Trata-se de uma reflexão de caráter bibliográfico e de observação que parte das contribuições de Contrera (2009), num paralelo com os estudos de Jorge Miklos (2010), Siepierski (2003) e Morin (1997). Também, como metodologia, foram escolhidos para análise dois quadros: “*supervirtuosa*”, onde a telespectadora se inscreve solicitando orientação sobre algum aspecto do relacionamento que ela entende estar com problemas, e “*dicas do rô*”, onde o apresentador dá dicas para reavivar o romance no casamento. Serão aplicados os procedimentos teórico-metodológicos para compreender a representação do papel da mulher no casamento. A hipótese aponta para o fato de que o programa revela-se como um mediador que reproduz e contribui para a manutenção da violência simbólica que implica a minoração do lugar da mulher na sociedade. O trabalho busca mostrar que o discurso midiático interfere de maneira muito pontual nas relações de dominação entre os sexos e constitui um corpo de análise fundamental para os estudos de gênero na relação com a comunicação e a religião.

### **Palavras-chave**

Mídia e Religião, The Love School, Violência Simbólica, Feminino.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na X Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada São Paulo, SP, 27/8/2015.

<sup>2</sup> Jornalista. Apresentadora de TV e de Rádio. Professora Universitária nos cursos de Jornalismo e Rádio e TV no Centro Universitário Adventista de São Paulo – campus EC. Mestranda do Programa de Comunicação e Cultura Midiática da Universidade Paulista (UNIP). [betinabpinto@gmail.com](mailto:betinabpinto@gmail.com)

## 1. Representação da mulher no programa *The Love School*

*The Love School* é transmitido pela Rede Record, em canal aberto, desde 2012. O programa que iniciou na internet, no canal da emissora no youtube<sup>3</sup>, ocupa o horário do meio-dia na grade de programação<sup>4</sup> da rede e aborda, diariamente, a temática dos relacionamentos. Também conhecido como a Escola do Amor o programa televisivo surge com a proposta de fornecer instruções, ferramentas e intercambiar experiências a fim de proporcionar ao casal uma vida conjugal blindada para o divórcio.

Apresentado pela filha do bispo Edir Macedo<sup>5</sup>, Cristiane Cardoso e pelo marido, Renato, o programa *The Love School* trata o telespectador como a um aluno e se propõe a dar aulas sobre o relacionamento matrimonial e as diferenças existentes entre os gêneros, enfatizando como as pessoas podem extrair benefícios e vantagens das distinções emocionais e intelectuais próprias de cada um e quais são os papéis do homem e da mulher dentro de uma relação.

Embora não seja evidenciada explicitamente a relação da Igreja Universal com o programa *The Love School*, os princípios seguidos por essa doutrina religiosa são transmitidos de maneira velada, também por meio de uma linguagem que, aparentemente, apresenta soluções para os problemas destacados pelos telespectadores. No entanto, segundo os estudos de SIEPIERSKI (2003) a responsabilidade pelo sucesso na relação, ou na resolução desses mesmos conflitos, fica a cargo do próprio telespectador.

A igreja [programa] assume o papel de mediadora, o que a exime de qualquer responsabilidade por um fracasso. A sutileza dos métodos utilizados impede que o fiel perceba o grau de manipulação no qual está envolvido, pois é da sua própria busca e desejo que o processo se alimenta, fazendo do fiel o único responsável pelo seu sucesso ou fracasso.(SIEPIERSKI, 2003, p 21)

---

<sup>3</sup> Youtube: site de compartilhamento de vídeos na internet, semelhante a uma televisão onde existem vários canais disponíveis. A diferença é que os canais são criados pelos próprios usuários que podem compartilhar vídeos sobre os mais variados temas.

<sup>4</sup> Grade de programação: guia que apresenta todos os programas e os horários em que são veiculados na emissora.

<sup>5</sup> Edir Macedo é bispo evangélico, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus e proprietário da Rede Record.

Diante do contexto, onde as igrejas evangélicas assumem redes de televisão e programas televisivos para arrebanhar um número cada vez maior de fiéis, para MIKLOS (2010, p.40) a utilização dos meios de comunicação pelas igrejas tornou-se uma condição fundamental de existência e manutenção das atividades religiosas na sociedade moderna. Nesse cenário o pesquisador defende que a linguagem é estrategicamente utilizada.

A linguagem religiosa muitas vezes assume a linguagem do espetáculo, para fazer aparecer o aspecto fantástico e capturar a atenção. Divulgam-se símbolos<sup>6</sup>, pessoas e realidades religiosas de acordo com a expectativa do público. (MIKLOS, 2010, p. 36)

Essa realidade pode ser observada no programa *The Love School*, que tem, no geral, cinquenta e dois minutos de duração. Além dos conselhos assertivos, ao todo treze quadros - com apresentações intercaladas a cada sábado - compõem a estrutura do programa. A alguns quadros o público apenas assiste, sem dispor de nenhuma participação efetiva na produção dos mesmos. No entanto, em outros quadros há uma ação direta do público no sentido de contribuir enviando perguntas, vídeos ou participando presencialmente do programa contando suas próprias histórias e revelando problemas.

A representação da mulher em alguns desses quadros e no programa como um todo, revela uma imagem que tende da futilidade – da mulher que está apenas preocupada em esculpir seu corpo ou cuidar da aparência dele como sendo isso a sua própria essência, à mulher totalmente responsável pelo sucesso do casamento – no melhor estilo Amélia<sup>7</sup>, preocupada exclusivamente com os afazeres domésticos e com o bem estar de sua família em detrimento de si mesma. Ou seja, recai sobre a mulher a

---

<sup>6</sup> Dentro da compreensão de Harry Pross (1980) os símbolos podem ser utilizados como ferramenta de controle porque eles são “vistos” mesmos quando não se está ciente deles. Ele demanda persuasão e uma obrigatoriedade de cumprimento. No caso clássico de um policial, por exemplo, ele não é o poder, mas o representa.

<sup>7</sup> Música “Ai que saudades da Amélia”, composição de Ataulfo Alves e Mário Lago. A letra faz menção a uma mulher sem vaidades e que vivia para satisfazer o homem. Essa expressão “Amélia” ficou conhecida como uma referência à submissão feminina.

responsabilidade pelo resultado da relação. Além disso, a imagem feminina projetada no imaginário do telespectador vem carregada de simbolismo e revela uma cruel estratégia de manipulação, destacando a existência de uma hierarquia entre os seres numa clara intenção de “ensinar” sobre valores e lugares sociais que serão reproduzidas nas práticas diárias de homens e mulheres dentro dos relacionamentos.

Para Malena CONTRERA (informação verbal)<sup>8</sup> “se há um território de poder e de domínio é o território do imaginário”. Contrera nos convida a refletir sobre os estudos de Edgar MORIN (1997) que revelam essa estratégia onde a grande moeda de transformação do mundo para o capitalismo é o imaginário. “É o grande campo de batalha onde se vai guerrear para se criar a adesão humana”.

Em seus estudos sobre as estruturas simbólicas do poder, PROSS (1980) identifica essa manipulação atrelada ao simbolismo. Para ele a linguagem e o pensamento vinculados à repetição de sinais constituem grandes possibilidades de transformação ou de simplificação<sup>9</sup>.

Caminha nessa direção da pulsão por implantar o pensamento único<sup>10</sup>, que convenientemente abastece o mercado do lucro, a imagem que foi construída para a apresentadora do programa *The Love School*. Cristiane Cardoso aparece sempre muito bem vestida, com saltos altos e roupas justas, cabelos longos e louros e numa atitude de reverência à postura do marido: ela sempre fala depois dele. O comportamento de Cristiane é projetado para outros quadros, a fim de diluir a ideologia ensinada e pulverizar os mesmos conceitos ao longo do programa. No quadro *Supervirtuosa*, por exemplo, as mulheres se inscrevem para participar e pedem ajuda ao programa para solucionar alguma questão que as incomoda, dentro desse contexto da figura da mulher apresentada e reafirmada a cada semana pelo *The Love School*.

---

<sup>8</sup> Essas afirmações foram apresentadas por Malena Contrera durante aula proferida para o Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, no dia 29/04/2015.

<sup>9</sup> Aprovechan la circunstancia de que el lenguaje y el pensamiento a él vinculado trabaja con *signos repetibles* em todo momento y de mayor flexibilidad. Constituye, ya um tema inmenso el tratar de las posibilidades de transformación, pero también de deformación y simplificación. (PROSS,1980, p78)

<sup>10</sup> Os estudos de Dênis de Moraes (2004) ressaltam que a grande mídia tenta fabricar o consenso sobre o que deve ser relevante e, portanto, merecer a atenção do expectador, compreendido e focado pela própria mídia como consumidor. A própria mídia, ao se reunir em grandes conglomerados de comunicação, cria pensamento único acerca das realidades postas por ela mesma.

Analizamos três episódios que foram veiculados no ano de 2013, nos meses de março, maio e setembro. Os quadros tem duração média de 17 minutos onde a própria telespectadora apresenta o suposto problema, ou a sua insatisfação e o programa passa a ensinar como alcançar a provável solução. São retratos de histórias muito semelhantes de mulheres que acreditam viver de maneira errada, ou incompleta, porque não cumprem com os requisitos veladamente ensinados pela Escola do Amor. Uma das telespectadoras pede ajuda para perder peso, porque acredita que o relacionamento conjugal pode melhorar se ela emagrecer. A outra afirmar ser muito desorganizada com as coisas da casa e pede ajuda pra aprender a passar roupa, porque crê que poderá atender melhor ao marido se souber realizar essa atividade. E a terceira telespectadora que se inscreveu para o quadro *Supervirtuosa* revela querer aprender a cozinhar para agradar ao marido. A condição socioeconômica das participantes é variada, são desde donas de casa a empresárias que recorrem às lições do programa.

Outro quadro que se destaca nesse aspecto e revela o ensinamento sombrio de uma sociedade machista e estruturada no patriarcado, é o quadro *Dicas do Rô*, onde “Rô” é o romance. Para dar vida ao personagem o apresentador Renato Cardoso se veste de romantismo dando dicas a homens e mulheres de como apimentar uma relação. De junho de 2013 a junho de 2014 o programa apresentou onze desses quadros, três deles se referem especificamente à mulher e procuram ensiná-la sobre como “torcer pelo sucesso do parceiro”, adquirir o “poder do toque” e entender que as “mulheres também precisam agradar ao homem”.

No entanto não são todos os quadros e nem em todos os momentos do programa que essa manipulação - a afirmação e reafirmação do papel da mulher como dona de casa e responsável pelo sucesso e bem estar da família - se evidencia. Segundo ABRAMO (2003) quando os veículos de comunicação passam a manipular informações, sejam conceitos sobre a figura da mulher ou o seu papel na sociedade, esses mesmos veículos passam a manipular a realidade.

A manipulação da realidade pela imprensa ocorre de várias e múltiplas formas. É importante notar que não é *todo* o material que *toda* a imprensa manipula *sempre*. Se fosse assim – se pudesse ser assim – o fenômeno seria autodesmistificador e autodestruidor por si mesmo, e sua importância seria extremamente reduzida ou quase insignificante. Também não é que o

fenômeno ocorra uma vez ou outra [...], se fosse esse o caso, os efeitos seriam igualmente nulos ou insignificantes. (ABRAMO,2003, p25)

Abramo nos faz refletir sobre a maneira aparentemente despretensiosa como as informações, imagens e situações são apresentadas por meio da grande mídia, no caso em questão o programa televisivo *The Love School*. Essa forma que beira o “casual” foi identificada como parte de uma estrutura que estabelece padrões de manipulação da grande mídia como estratégia para a sustentação do poder. De acordo com os estudos de Perseu ABRAMO (2003) há duas vertentes para a explicação desse fenômeno e a raiz das respostas encontra-se no campo econômico que circunda a lógica do poder.

É evidente que os órgãos de comunicação, e a indústria cultural<sup>11</sup> de que fazem parte, estão submetidos à lógica econômica do capitalismo. Mas o capitalismo opera também com outra lógica – a lógica política, a lógica do poder – e, é aí, provavelmente, que vamos encontrar a explicação da manipulação.(ABRAMO,2003, p 43)

Segundo Jorge MIKLOS (2010), na lógica socioeconômica do capitalismo tardio a comunhão tornou-se monopólio da religião e a comunicação, da técnica. (MIKLOS, 2010, p. 119) Jorge Miklos afirma isso crendo que a união entre mídia e igrejas gira, apenas, em torno de interesses mercantis.

## **2. Reproduzindo a violência simbólica**

O programa *The Love School* revela-se como um mediador que reproduz e contribui para a manutenção da violência simbólica contra o feminino. Para compreender esse contexto, faz-se necessário volver os olhos aos estudos de Edgar Morin - *Cultura de Massa do século XX* -, pois eles descortinam conceitos importantes para a assimilação do tema.

---

<sup>11</sup> Vamos abordar e explicitar esse termo ao longo do artigo, mas nos deteremos na contribuição de Edgar Morin que trabalho com o conceito mais amplo e complexo de Cultura de Massa.

Edgar MORIN (1997) afirma que após a expansão da industrialização com a Revolução Industrial – século XX – iniciou-se outra forma de dominação: “a que se processa nas imagens e nos sonhos.” Segundo ele as novas ferramentas advindas da revolução imergem no mundo privado, ou seja, a mídia passa a dominar o interior do homem para comercializar a vida individual e particular: os sonhos, os sentimentos, os medos, os romances..., tudo se torna mercadoria e passa a ser vendido. Nesse contexto, Morin alerta para o perigo da “industrialização do espírito”.

A segunda industrialização, que passa a ser a industrialização do espírito, e a segunda colonização que passa a dizer respeito à alma, progridem no decorrer do século XX. Através delas, opera-se esse progresso ininterrupto da técnica, não mais unicamente voltado à organização do exterior, mas penetrando no domínio interior do homem e aí derramando mercadorias culturais. Podemos adiantar que uma cultura constitui um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturam os instintos, orientam suas emoções. Esta penetração se efetua segundo trocas mentais de projeção e identificação polarizadas nos símbolos, mitos e imagens da cultura como nas personalidades míticas ou reais que encarnam os valores (os ancestrais, os heróis, os deuses). (MORIN, 1997, pg 13, 15).

Nessa afirmação Morin nos convida a refletir sobre a maneira como a cultura alimenta a vida prática e a vida imaginária do indivíduo podendo fortalecer - ou inibir - o desenvolvimento da personalidade, ao fornecer pontos de apoio por meio de um sistema de projeções e de identificações específicas.

Partindo dessa compreensão é possível afirmar que, de maneira velada, *The Love School* contribui para destacar a supremacia do homem em detrimento da submissão da mulher. O programa televisivo manipula símbolos na tentativa de ocupar espaços no terreno do imaginário e provocar uma ação resultante dessa absorção de conteúdos e imagens. Num primeiro momento essa reação pode se exteriorizar no comportamento da mulher dentro de casa e em seus relacionamentos, o que pode gerar decepções uma vez que a imagem projetada pelo programa não poderá ser reproduzida fielmente na realidade vivida pela telespectadora. Num segundo momento essa reação deve se constituir na aquisição dos materiais produzidos pela emissora, tais como DVDs, livros, palestras e outros serviços que fortalecem a ideologia do programa. É importante

destacar a afirmação de BARRETO (1992) “o símbolo só se caracteriza como tal quando se materializa na vida dos homens”. Ele ainda complementa:

A ação do símbolo tem os mesmos resultados que o uso da força bruta: causa uma relação de superioridade e submissão. Superioridade na capacidade de elaboração do símbolo e submissão na sua obediência. (BARRETO, 1992, p 04)

Nessa afirmação Barreto se refere à compreensão de Harry PROSS (1989) a cerca da lógica vertical. Pross chama de *verticalismo* as representações de valor na sociedade onde “acima” é valor supremo e positivo, e “abaixo” tem valor negativo. O pesquisador ainda afirma que esta representação espacial rege as relações sociais e as instituições, desde as mais básicas às mais complexas.

Esse *verticalismo* evidencia-se no processo de violência simbólica, que, segundo PROSS (1989), segue ao estabelecimento de uma ordem.

Se considerarmos o conceito de ordem, reconheceremos facilmente que a ordem não é a expressão de algo metafísico, senão uma constelação de signos físicos, dados por alguém a outro, com uma interpretação mais ou menos compreensível.<sup>12</sup> (PROSS, 1989, p 144)

Malena CONTRERA (informação verbal)<sup>13</sup> ecoa e amplia os estudos de Harry Pross. Para ela “a violência simbólica é invisível e os violentados findam por se tornarem cúmplices da própria violência”. Contrera nos convida a refletir sobre a banalização do mal. Para ela há dois aspectos essenciais: a maneira como a própria violência é reproduzida e a crueldade desse método que cobre a racionalidade com um verniz e torna a violência aceitável e necessária numa sociedade que preza pelo lucro, pela eficiência, pelo comodismo.

Hoje os métodos parecem menos cruéis, no entanto o mal está sistematizado, banalizado. A banalidade do mal é fruto da racionalidade técnica<sup>14</sup>. Todo

---

<sup>12</sup> Tradução da autora.

<sup>13</sup> Essas afirmações foram apresentadas por Malena Contrera durante aula proferida para o Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, no dia 29/04/2015.

<sup>14</sup> De maneira objetiva, segundo a escola de Edgar Morin(1997) racionalidade técnica se constitui na projeção dos elementos da vida empresarial para a vida privada. A vida privada passa a ser gerenciada, controlada. Esse fenômeno está tão naturalizado que passa despercebido.



mundo vê, mas não percebe a violência, então a aprova, apoia e reproduz.<sup>15</sup>  
(informação verbal)

Essas estratégias cruéis apontadas por Contrera foram identificadas por ABRAMO (2003) em seus estudos sobre as *Estratégias de Manipulação da grande Mídia*. Ocultação, fragmentação, inversão de informações e valores constituem parte do leque dessas táticas que findam por criar uma realidade paralela para o telespectador, aprisionando-o.

A relação entre a imprensa e a realidade é parecida com aquela entre um espelho deformado e um objeto que ele aparentemente reflete: a imagem do espelho tem algo a ver com o objeto, mas são só não é o objeto como também não é sua imagem; é a imagem de outro objeto que não corresponde ao objeto real. (ABRAMO, 2003, p.24)

Perseu Abramo afirma isso para nos fazer refletir a cerca dessa relação na qual a imprensa cria uma realidade irreal - artificial no lugar do que é real - e a sociedade passa a ser confrontada diariamente com essa realidade artificial que não expressa a vivência das pessoas. Abramo amplia a discussão quando nos propõe pensar que, como o público é fragmentado, essa “realidade artificial” pode passar despercebida por uma grande quantidade de pessoas que a tomam como real e só percebem a contradição quando se trata de uma pequena parcela da realidade que elas mesmas conhecem de fato. Do contrário, elas se apropriam de um conhecimento criado, inventado, fantasiado e o vivem como real. Tornam-se prisioneiras, reféns de uma violência que elas mesmas acabam reproduzindo.

### 3. Considerações finais

*The Love School* iniciou na internet, por meio do canal da rede Record. Conquistou o público e passou a ser transmitido em canal aberto, na emissora nacional. Estruturado com maestria e profissionalismo o programa *The Love School* agrada porque apresenta um casal no melhor estilo de contos de fadas. Um homem elegante,

---

<sup>15</sup> Essas afirmações foram apresentadas por Malena Contrera durante aula proferida para o Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, no dia 29/04/2015.

inteligente e bem sucedido casado com uma mulher bonita, charmosa e aparentemente feliz – modelo de sucesso apregoadado pela mídia.

Veladamente o programa sufoca a feminilidade e retrocede em direitos adquiridos pela própria mulher ao longo de décadas. A escola do amor, como também é conhecido o programa, reproduz a imagem da mulher submissa e responsável pelo sucesso e bem-estar de toda a família, em detrimento dela própria. Conceitos antigos, de uma sociedade patriarcal, que são remodelados e apresentados como modernos e também como sinônimo de felicidade matrimonial.

De maneira sutil e inteligente o programa televisivo promulga a diferença de gêneros destacando a existência de uma hierarquia entre homens e mulheres. Segundo Perseu ABRAMO (2003) essa tentativa de “ensinar” valores e lugares sociais - para serem reproduzidas nas práticas diárias de homens e mulheres dentro dos relacionamentos -, ao ocultar ou distorcer informações constitui estratégias de manipulação da grande mídia.

Mais do que isso, consolida-se como violência simbólica, de acordo com Harry PROSS (1989), pois parte da lógica vertical onde a superioridade e a submissão se fazem presentes.

Um processo cruel, segundo CONTRERA, que alimenta um sistema que sobrevive do lucro a qualquer preço.

## Referências bibliográficas

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação da grande imprensa**. 1.ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

BARRETO, José Roberto. **Harry Pross e a violência simbólica**. Projekt – Revista de Cultura Brasileira e Alemã. São Paulo, n° 7, p. 10, Jun. 1992.

CONTRERA, Malena. Do lado de fora do jardim encantado: comunicação e desencantamento do mundo. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, Brasília, n. 3, v. 12, set./dez. 2009.

MIKLOS, Jorge. **A construção de vínculos religiosos na cibercultura: a ciberreligião**. 2010. 145 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica)–Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

MORAES, D. D. O capital da mídia na lógica da globalização. In: MORAES, D. D. **Por uma outra comunicação**: mídia, mundialização, cultura e poder. 2<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. Parte II, capítulo 4. p. 430.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massa do século XX: neurose**/ Edgar Morin: tradução Maura Ribeiro Sardinha. 9 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997

PROSS, Harry. **Estrutura Simbólica Del Poder**. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 1980

PROSS, Harry. **La violências de los simbolos sociales**. Barcelona: Anthropos, 1989.

SIEPIERSKI, C. T. **O sagrado num mundo em transformação**. 1. ed. São Paulo: Edições ABHR e UFRPE, 2003